

A MULHER NA GUERRA DOS FARRAPOS

Hilda Agnes Hübner Flores¹

Síntese do discurso de posse como Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no dia 9 de outubro de 2014, em resposta à saudação proferida pelo Prof. Luiz Osvaldo Leite.

A guerra intestina dos Farrapos lutou por ideias, difíceis de conciliar. Alongou-se por quase um decênio (1835-1845), destruindo a economia da Província e desorganizando a sociedade. Famílias sem o chefe mantenedor colocaram a mulher face a uma nova realidade, induzindo-a a agilizar o que Michele Perrot chama de “poder possível” na busca do caminho para enfrentar imprevistos e provocativos desafios. Audaciosa e inovadora, a mulher projetou-se à frente de seu tempo, à semelhança da mulher europeia que décadas mais tarde enfrentaria incriveis desafios de duas grandes guerras mundiais, concretizando o feminismo esboçado pela mulher farroupilha.

Documentos amarelados de nossos arquivos, noticioso da imprensa nascitura, depoimentos do Processo dos Farrapos e dos viajantes europeus que aqui estiveram no período farroupilha revelam que, acuada, a mulher exerceu potencialidades até então adormecidas, no afã de salvaguardar os filhos e a propriedade. De habilidades várias, cada qual respondeu ao desafio a sua maneira, dentro de seus talentos. Juntas elaboraram o que hoje se reconhece como pré-feminismo, não formando escola porque a mulher, minoritária e de pouca cultura, devolveu administração ao filho crescido e auxiliou na reconstrução da pátria arrasada. Assim, ordenando fontes e fatos, encontramos diversos grupos:

* **As escravas**, executoras de toda sorte de tarefas, urbanas ou rurais, constituíram força industriosa na construção e ordenação de recursos alimentícios ou bélicos, chegando a pegar em armas. A documentação tanto informa sobre valor monetário de escravos/escravas como sobre suas diferentes atribuições ocupacionais.

* **As guerreiras**: foram as mulheres que acompanhavam seu homem

¹ Síntese do discurso de posse no IHGRGS, ocorrida a 9 .10.2014, . Maiores informações sobre o tema aqui abordado, veja-se da autora, *Mulheres na Guerra dos Farrapos*, Livraria Martins Editora, 2013.

para a guerra, como as índias guaranis, que levavam os filhos. O soldado amasiado, ao final da guerra ou levava a índia para casa, ou abandonava a amásia que a família rejeitara, ou deixava-se ficar com ela e as crias, concorrendo para a miscigenação. Houve projeto de um “partido político feminino”, com Maria Josefa Fontoura e outras líderes, criticadas e ironizadas. E Anita Garibaldi, foi “guerreira de dois mundos” ou mitificada como tal?

* **Costureiras do exército:** Conde de Caxias em 1842 veio para o Sul com poder pleno do Imperador, para terminar com a guerra que já durava oito anos. Formou um exército de 12 mil homens para vencer os farrapos que lutavam sem aquartelamento. Ao Arsenal da Guerra pediu 12 mil uniformes. Naqueles tempos a costura constava nas “prendas domésticas” ensinadas às mocinhas para confeccionarem seu enxoval. Na guerra civil todas, profissionais ou amadoras, legalistas ou farroupilhas, podiam se inserir na tarefa do Arsenal, que pagava por peça. Ganho pouco mas bem vindo em tempos bicudos de guerra. Costurava-se à mão, ponto por ponto. Isaac Singer, mecânico de Nova York, patenteou sua máquina de costura só em 1851. O *Semanário Oficial* de Porto Alegre dá conta de centenas de peças de tecido, junto com tesouras e 30 mil agulhas que o comércio movimentava!

* **As estancieiras.** Eram poucas em número, mas importantes por administrarem, no decorrer da guerra, em lugar dos maridos tombados. As fazendas de criação forneciam gado muar e equino para deslocamento e alimentação da tropa, e para pagamento de armas e munições vindas de Montevideu. Espoliadas umas, outras defenderam seus direitos. Olinda de Freitas, viúva de José Antonio de Freitas, só liberava animais mediante recibo assinado. Com firmeza, sustentou querelas com os estancieiros Meireles, primos de Bento Gonçalves, tendo sido a mulher indenizada com maior valor no pós-guerra: 4:414\$760 rs, semelhante ao valor pago a Bento Gonçalves. Bernardina Barcelos de Almeida, esposa do ministro Domingos J. de Almeida, administrou a fazenda, a charqueada e a casa de exportação em Pelotas, onde em plena guerra abriu escola para os filhos e crianças vizinhas.

* **As imigrantes alemãs:** constituem um grupo diferenciado. Fugas das guerras napoleônicas, imigraram entre 1824-30, e no minifúndio agrário da Colônia de S. Leopoldo, integraram o trabalho familiar, que nele não via tabu. Educava os filhos (sete trazidos da Alemanha e outros tantos nascidos durante a guerra), cuidava da casa, da horta e jardim; ordenhava a vaquinha, costurava, executava o artesanato trazido da Europa. O comércio cresceu. Em rústicas lanchas, mais de uma centena de barqueiros abaste-

ciam o mercado consumidor de Porto Alegre. O Arquivo Histórico RS guarda cinco nomes de mulheres que trabalharam nessa ousada profissão: *Maria Weierbach* navegou parêlho com o marido; *Catarina Voigt* e *Bárbara Petri* trafegaram desde 1841, quando os revolucionários interiorizaram a guerra. *Catharina Roitmann* conduziu passageiros desde 1843. Sebastião e *Mariana Diehl* iniciaram em 1828. Sebastião reunia produtos no armazém do Passo de S. Leopoldo e Mariana os colocava em Porto Alegre; corajosa, enfrentou ameaças até que revolucionários a forçaram a interromper. Perdeu um filho em explosão da caldeira. Quando o marido faleceu, Mariana capitaneou o empreendimento, novos armazéns para filhos crescidos, aumento da frota com vapores de ferro, maiores e mais seguros, encomendados à Alemanha. Empresária bem sucedida, Mariana sucumbiu em 1855, quando a *côlera morbus* levou metade da família. Foi um Natal sem nascimento, com sucessivos cortejos fúnebres conduzindo da capital até o campo santo de S. Leopoldo os filhos Valentim e Carlos, esteios náuticos, além de oito netos.

* **Mulheres ligadas à Casa da Roda.** Sem alternativa, a mulher vivia na casa paterna ou na do marido. Trabalho remunerado não havia. Convocando os homens às armas, a guerra dos Farrapos piorou a situação econômica das famílias. Sem recursos, recém nascidos eram confiadas à Roda dos Expostos que desde 1834 funcionou com uma roda inserida na parede fronteira da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Colocada na Roda, esta girava, conduzindo a criança para o interior. A *porteira*, idosa e de sono leve, recolhia a criança e na manhã seguinte a passava à *Regente* da Casa, que anotava enxoval, bilhetes e sinais característicos passíveis de identificar a criança, se procurada. São dois cargos da equipe de profissionais que cuidavam dos enjeitados. *Padrinhos* acorriam para, no batismo, salvar a alma do menor e por vezes o criavam. *Criadores* ou *criadeiras* ficavam com a criança, na cidade ou na zona rural, mais saudável. Devolviam meninos aos sete anos e a S. Casa os encaminhava para aprendizado de uma profissão. Meninas devolvidas aos oito anos, eram alfabetizadas e aprendiam “prendas domésticas”; com enxoval, casavam adolescentes.

* **Professoras pioneiras.** Após séculos de analfabetismo no Brasil Colônia, D. João e sua corte alargaram horizontes culturais. D. Pedro I em 1824 criou o Ensino Elementar, visando formar funcionários burocráticos para a corte. O ministro Domingos José de Almeida em 1838 decretou o ensino elementar obrigatório em toda a República Rio-Grandense, intento impedido pela penúria financeira trazida pela guerra.

Não havia educandários; cada professora mantinha a “aula” em sua residência; raramente ensinava mais de duas ou três matérias. Cada profes-

sora informava pela imprensa o que se propunha a ensinar, alfabetização individual, pois o método Lancaster, de aprendizado em grupo, é da década de 1870.

Florisbela Flores da Conceição, em 1835 ensinava primeiras letras, aritmética, gramática nacional e “lavouras do sexo”. *Zeferina Amada de Oliveira*, *Ana Francisca Pereira* e *Senhorinha Bernarda de São José Peixoto* já naquele tempo lidavam com falta de pagamento; *Anna Christina Tybling* ensinava alemão, português, ler, escrever, contar e prendas domésticas.

Contabilizando as diferentes disciplinas oferecidas para meninas (impossível frequentar várias, pela distância geográfica que as separava), teríamos o seguinte quadro pedagógico:

primeiras letras, gramática latina ou nacional, contar, aritmética (3 anúncios cada); ler e escrever (2 anúncios cada); português, latim, alemão, letras, religião e filosofia (1, cada). Desdobrando as “prendas domésticas”, oferecia-se para meninas aulas de: coser, bordar em várias especialidades, como marcar (2), civilidade e dançar (1, cada); música instrumental (4), tocar piano (4), cantar (3).

* **Intelectuais pioneiras**

As intelectuais do período farroupilha, são pioneiras no Brasil. Na brevidade dessa fala, tentaremos conhecer as diferentes respostas aos desafios e agressões enfrentadas no decorrer do decênio de guerra civil que envolveu a mulher em desafios sem precedentes.

Delfina Benigna da Cunha, natural de S. José do Norte, RS, perdeu a visão aos 20 meses, tragédia que lamenta e que aguçou seu estro poético, escrevendo desde os 12 anos, auxiliada por uma irmã; recitava em festas familiares, aniversários e eventos sociais. Em relação aos rebeldes, reprovava-os e acompanha a onda migratória de quem pôde refugiar-se no Rio de Janeiro. Aí, pensionada pelo Imperador desde 1826 – pensão que D. Pedro II manteve – exalta a família real em seus versos. Nas duas reedições de 1838, insere glosa em que fustiga o chefe farroupilha:

Maldições te sejam dadas / Bento infeliz desvairado.

No Brasil e em toda a parte / Seja teu nome odiado.

Maria Josefa Barreto Pereira Pinto. O jornalismo nasceu no Rio Grande do Sul com o *Diário de Porto Alegre*, em 1827, e rapidamente somou 40 periódicos, por instigação da guerra civil. Maria Josefa foi a primeira jornalista mulher. Colaborou na *Idade de Ouro*, “jornal político, agrícola e miscelâni-

co”, do combativo Manoel dos Passos Figueiroa. Alinhada com a política legalista, Maria Josefa abriu seu próprio jornal, *Belona irada contra os sectários de Momo*, no qual ridicularizou os “pretensiosos políticos daquele tempo” com “sátiras incisavas, cheias de erudição e poesia”, no dizer de Múcio Teixeira. Professora, transmitiu seus ideais a alunos como Pereira Coruja, mas infelizmente os canhões farroupilhas consumiram com seu *Belona*, sem deixar exemplar.

Nísia Floresta Brasileira. Mais jovens que Delfina e Maria Josefa, houve Nísia e Ana de Barandas, com biografias que precisam ser conhecidas pelo que lutaram por mais cultura para a mulher e denunciaram o lado tenebroso da Revolução Farroupilha, de destruição e sacrifício de vidas humanas.

Nísia nasceu em Papari, hoje município Nísia Floresta, RN; separada do marido de escolha paterna, refez a vida com o advogado Augusto Faria Rocha, com quem veio para Porto Alegre em 1833. Aqui nasceu o segundo filho, editou *Direitos da mulher e injustiças dos homens*, ousada tradução da feminista inglesa Wollstonecraft, adaptada para a realidade brasileira no que reporta a potencialidades femininas. Viúva, sustentou filhos abrindo escola para meninas, o ensino humanístico se sobrepondo à domesticidade. Condena a escravidão porque estimula ócio nas pupilas que lhe confiaram. Em 1837 os farroupilhas sitiaram Porto Alegre e saquearam as chácaras circundantes impondo fome, Nísia buscou o Rio de Janeiro, onde abriu o Colégio Augusto, feminino. Editou 15 livros, vários didáticos e gestados em Porto Alegre e um deles traduzido para o italiano e adotado em sala de aula; residiu na França um terço de sua produtiva vida; discípula de A. Comte, frequentou-lhe a casa para ouvir sua doutrina. Vários de seus livros têm como pano de fundo a riqueza das chácaras e o furor destrutivo dos rebeldes, pelo que a obra de Nísia se torna leitura obrigatória para estudar nossa guerra civil.

Ana de Barandas, porto-alegrense de 1810, foi casada com advogado, levando padrão de vida diferenciado na Porto Alegre de dois mil habitantes. Caçula e a mais culta de sua irmandade, é autora de um único livro, com título de romance e conteúdo de denúncia: *O ramalhete ou flores escolhidas no jardim da imaginação*. Escrito na juventude e maturado durante a guerra civil, editou-o em 1845, já divorciada por contrato civil redigido pelo marido litigante e registrado em cartório como se “reconhecido pela Igreja”, a autoridade constituída para regular a vida dos casais. Com esse divórcio oficioso, extremamente raro, Ana passou a responsável pela criação das filhas e pela administração de escravas e dos cinco contos herdados do pai, inventário no qual atuou como “cabeça do casal”, em 1849. Criada em ambiente cultural, evoca saraus de sua infância no sítio Belmonte, a mãe ao cravo e o

pai com sua flauta, colocando no ar sons melodiosos de Rossini e Mozart, “doces acordes” que estremeceram sua alma.

Belmonte interava o cinturão de chácaras produtivas que abasteciam Porto Alegre. Durante o sítio farroupilha virou “um perfeito esqueleto”: bosques, jardins, hortas, pomar, habitações e os próprios habitantes, tudo desapareceu! Restou o estrondo do canhão e o retino das armas; lugar onde o irmão aguarda pelo irmão para desapiedadamente tirar-lhe a vida...

Carlos Dreher, jovem em busca de pedras preciosas para a oficina paterna na Alemanha, chegou em 1841 e confirma que nenhuma sede de chácara escapara à sanha das balas assassinas. Cortado o abastecimento, a população esfomeada fugiu para as ilhas do Guaíba. Quem pôde, exilou-se na corte, como Nísia Floresta, o cirurgião Barandas, o comerciante Lopo Gonçalves, o gramático Pereira Coruja, com uma leva de rebeldes de Rio Pardo...

Antes das mulheres da I e II Guerras Mundiais iniciarem o feminismo, impôs-se Nísia Floresta ao chamar atenção sobre as capacidades iguais de homem e mulher, enquanto Ana de Barandas faz corajosa denúncia dos excessos farroupilhas, que ao calor das lutas intestinas saqueavam o quanto podiam, arrasando e matando o que não dava para levar. Em sua crônica “Diálogos” Ana atribui aos políticos a guerra civil com seus males:

O político tem a alma danada. Em vez da verdade, diz lindas coisas para embalar o povo incauto, escreve em 1845!